

**Prefeitura da cidade de São Paulo – Secretária Municipal de Educação –
EMEF Prof. Paulo Freire**

<http://labur.fflch.usp.br/node/14>

<https://ujceara.files.wordpress.com/2014/01/cidadesrebeldes-passelivreeasmanifestac3a7c3b5esquetomaramasruasdobrasil.pdf>

TEMA DA SEMANA: “A Geografia serve, em primeiro lugar, para...
Compreender o território, suas contradições e ao mesmo tempo promover a Cidadania”

Projeto de trabalho
apresentado para participação na
“Escola de Projetos da XIV Semana da Geografia da USP” - 2017

Professor Responsável: DJALMA TEIXEIRA DOS SANTOS

Contato: 3501-4061; 3501-4190 (Fones da Escola)

Emails: emefpfreire@prefeitura.sp.gov.br

Rua: Melchior Giola, 296,

Bairro de Paraisópolis

São Paulo – SP

CEP: 05664-000

I. **TEMA DO NOSSO PROJETO:** “20 anos da E.M.E.F. Paulo Freire: Migrações e Imigrações – Tecendo histórias”

II. **PÚBLICO:** 8^{os}, 9^o Ano A e 3^a e 4^a Etapas da EJA

III. **BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE E DA NOSSA ESCOLA:**

A cultura migratória ganha força a partir da sua objetivação nos discursos migrantes que se justificam “racionalmente” pela necessidade econômica. O “sonho paulista” vai justificar o deslocamento de muitos migrantes e ocultar o sentido prático do ritual (a noção de destino, de uma força interior, individual e natural do desejo de migrar) por uma causa objetiva, a busca do sucesso financeiro. A origem de Paraisópolis é resultado do processo de modernização e urbanização da cidade de São Paulo, a narrativa de memória de seus moradores nos relata os desafios e sonhos desses sujeitos viventes, com a sua experiência como migrante mesclando os seus relatos com a memória do desenvolvimento do bairro em conjunto com a manutenção e transformação de suas tradições.

Para Canclini as práticas culturais populares se modificam juntamente com o contexto social em que estão inseridas, sem que isso implique em sua extinção. Exemplo disso, é a permanência e a constante transformação da cultura nordestina no bairro .

A memória desses antigos moradores perdura nos lugares e nas situações vividas, está em constante evolução, pode ser repetida pelas diferentes gerações, mas está presa ao espaço e aos acontecimentos. Vinculada à identidade, a memória torna-se instrumento de poder e garante acesso à cidadania e a preservação da Cultura.

Portanto, a memória desses moradores/ alunos é o ponto principal deste projeto ao recontar suas História sobre os espaços e os tempos no bairro, nos possibilitam escavar o passado recente para iluminar a relação da comunidade com a nossa unidade escolar, a EMEF PAULO FREIRE.

Conjuntamente, a vida e a obra do educador Paulo Freire será apresentada e debatida com os nossos alunos, com a intenção de estabelecer as relações entre as lutas políticas e sociais da comunidade e a educação ontem e hoje. Como, Freire nos ensina: Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta (FREIRE, 1982, pp 109-110)

Paraisópolis originou-se de um loteamento destinado à construção de residências de alto padrão em 1921, resultado da divisão da antiga *Fazenda do Morumbi* em 2.200 lotes com quadras regulares de 10m x 50m e ruas de 10m de largura. A partir da década de 1950 iniciou-se a invasão dos terrenos vazios por famílias de baixa renda, em sua maioria migrantes nordestinos atraídos pelo emprego na construção civil.

Devido ao descaso público e à dificuldade da regularização dos terrenos, em 1970 já residiam irregularmente 20 mil habitantes naquela área. E ao mesmo tempo novos bairros nobres e seus condomínios luxuosos eram erguidos ao redor da favela, muitas vezes construídos pelos próprios moradores de Paraisópolis.

Houve uma tentativa de remoção da favela, por meio de uma obra viária, no início da década de 1980. Devido à construção de uma avenida que visava interligar a Giovanni Gronchi com a Marginal Pinheiros, haveria a remoção de uma grande área da favela. A obra, porém, foi embargada.

No início do século XXI, Paraisópolis já era a segunda maior favela paulistana, e começaria a receber investimentos públicos. Em 2005, foi iniciado um processo de urbanização e regularização dos imóveis construídos ilegalmente.

Atualmente, Paraisópolis tem se esforçado para se transformar em um novo bairro da cidade de São Paulo. A comunidade, que nasceu nos anos 20 de um loteamento de 2.200 pequenos terrenos, atualmente ocupa uma área de 800 mil metros quadrados, o equivalente a 97 campos de futebol.

A E.M.E.F. Paulo Freire:

A criação da EMEF Professor Paulo Freire deu-se pelo decreto 36.746 de 13/03/97, publicado no Diário Oficial do Município de 14/03/97. Iniciou suas atividades em 19/03/1997, contando com 360 alunos em quatro salas na rua Melchior Giola, 296, próximo a União dos Moradores que muito reivindicou aos órgãos públicos a construção desta para atender a demanda de crianças que encontrava sem escola. A entrega do prédio de paredes de aço foi no dia 26/05, tendo sua inauguração no dia 09/06/1997, sob o Prefeito Celso Pitta pois era uma construção provisória até a construção definitiva. Uma escola erguida com muita luta e resistência dos moradores.

IV. OBJETIVO:

O objetivo geral deste projeto é a partir das comemorações dos 20 anos da nossa escola, realizar um trabalho interdisciplinar com os alunos, propondo que esses pesquisem, por meio de suas próprias narrativas de memórias e depois de seus familiares e de outros membros da comunidade de Paraisópolis, as suas origens, hábitos e costumes, quais os significados e experiências para esses sujeitos- viventes sobre essa comunidade e sobre os seus lugares de memória dentro da comunidade entre eles a EMEF PAULO FREIRE.

A EMEF Paulo Freire é uma unidade escolar que a sua origem é resultado do processo de luta da comunidade. Portanto, para as comemorações dos “20 anos da EMEF Paulo Freire”, visamos a montagem de um acervo sobre a História e a Memória da comunidade e da EMEF PAULO FREIRE por meio de entrevistas com membros da comunidade, coletas de documentos e fotografias que relatam essa memória. Conjuntamente, com a elaboração de apresentações/exposições dessas fontes historiográficas que retratam os significados e representações destes espaços para essa comunidade.

V. JUSTIFICATIVA:

Partindo de experiências pessoais e das experiências da Comunidade, o aluno poderá estabelecer relações entre o conhecimento novo e o que já conhecem. Para que produza o relato de suas experiências pessoais precisará ser repertoriado com textos diversos sobre o tema, em diversos suportes, assim ampliando a compreensão de sua inserção no mundo.

VI. A INTERDISCIPLINARIDADE

Temos de romper com o modelo educacional por recortes de conteúdos, que se estrutura por uma abordagem de trabalho centrado nas áreas. Pretendemos realizar a “guerra” não só nos “servindo” da Geografia, mas do conhecimento como um todo.

No projeto interdisciplinar proposto pela nossa escola, o aluno ampliará o conhecimento de mundo como também a possibilidade de inserção na construção de um processo de diálogo real e permanente em todos os espaços da escola. As atividades desenvolvidas em cada área contribuem para o aprofundamento das questões. Nesse diálogo entre as diversas disciplinas, podem surgir outros recursos metodológicos, assim como a partilha de ideias.

VII. METODOLOGIA:

Inicialmente estudaremos o patrono da nossa Escola, o educador Paulo Freire. Sua biografia e trajetória como professor, educador e cidadão brasileiro. O fato de Paulo Freire ser nordestino nos leva a acreditar que a coincidência não foi à toa.

O trabalho por projetos como ação pedagógica é uma metodologia que visa promover a aprendizagem a partir de situações reais e concretas que possam despertar o interesse dos alunos pela pesquisa, pelos conteúdos, pela comunicação e compartilhamento do aprendizado.

O Projeto será desenvolvido em dois momentos:

No 1º Semestre trabalharemos os fluxos migratórios em Paraisópolis. No 2º Semestre, abordaremos a imigração dentro da Comunidade. Utilizaremos como instrumentos: pesquisas de campo (saídas de Estudo do Meio), entrevistas estruturadas, coletânea de relatos, depoimentos, autobiografias, biografias, textos informativos (notas de jornais de grande circulação e locais, site da União de Moradores, site e informes da Rádio Comunitária).

Pesquisa e elaboração da redação pelos alunos tanto da turma do EJA, quanto dos 9 anos do ensino Fundamental II, de textos sobre a sua própria História de Vida, como e quando chegaram a Paraisópolis, suas origens, sonhos e desafios encontrados, quais os lugares de memória (significativos) para cada aluno dentro da comunidade. Apresentação e debate sobre essas memórias dos alunos.

Pesquisa de material fotográfico da comunidade e da EMEF PAULO FREIRE a elaboração de um acervo fotográfico sobre a comunidade e a realização de entrevistas com moradores de Paraisópolis com ex – alunos e ex-professores da escola;

O material será organizado, selecionado, digitalizado e apresentado na exposição em comemoração aos “20 Anos da EMEF PAULO FREIRE”

Montagem de gráficos com suas respectivas interpretações; Leitura e discussão de Mapas e Croquis.

Ampliação por Leitura e Estudo de Obras literárias, tais como “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto e obras de artes, tais como a pinturas e canções.

Selecionamos com antecedência alguns materiais sobre o assunto em revistas, livros, jornais, sites, mapas, etc.

Assim como iniciamos no grupo, uma escuta acolhedora dos relatos pessoais.

A sala de aula passa a ser um espaço para a troca de ideias. Acolher as propostas individuais e coletivas dos alunos é uma prática, por nós educadores, valorizada e estimulada.

Importante reiterar que a temática surgiu de discussões coletivas que partiram do próprio contexto social. Pretendemos garantir que essa temática se transforme em uma questão significativa para os alunos; que percebam as relações entre suas experiências pessoais e as experiências da sociedade. Consigam também relatar oralmente experiências vivadas, produzam anotações para subsidiar a produção, ampliação, releitura e apreciação de textos; consultem em diversas fontes dados para descobrir as histórias da nossa escola, do patrono, do bairro e da Cidade.

VIII. ETAPAS DO PROJETO:

1. Elaboração de um roteiro de trabalho
2. Produção e revisão de textos
3. Elaboração de registros das experiências no decorrer do trabalho
4. Leitura de diversas fontes

5. Estudo de conceitos da Geografia, tais como *lugar, espaço, território, paisagem, migração, imigração* etc , fazendo o contraponto entre o que é oficial e o que é cotidiano. Estudo das condições de vida do povo em diferentes regiões e em vários momentos e espaços geográficos.
6. Estudo de conceitos da História, tais como *tempo e memória*
7. Apresentação e exposição dos trabalhos

IX. AVALIAÇÃO:

Deve ser contínua e mediadora, ocorrendo durante todo o processo, trabalhando com escalas diferenciadas, mas não hierarquizadas, partindo do lugar, avaliar se os alunos desenvolveram atitudes de reconhecimento e cooperação.

X. BIBLIOGRAFIA :

CANCLINI, G. As culturas populares no Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, L.C. Conseguiremos escapar ao neotecnicismo? In: SOARES, M.B.; KRAMER, S.; LUDKE, M. Escola básica (Anais da 6. CBE). Campinas: Papirus, 1992.

_____. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas: Papirus, 1995.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. Retirado do site <http://firgoa.usc.es/drupal/node/3036>. S/D (acessado em 24/02/2012).

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito a cidade a revolução urbana. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

_____; MARICATO, Ermínia. Et. al. Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

HENRY, G. e SIMON, Roger. “Cultura popular e pedagogia crítica: A vida cotidiana como base para o conhecimento curricular”. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. Currículo, Cultura e Sociedade. 10º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KAZTMAN, Ruben; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

LACOSTE, Yves. A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LEAL, Antônio. Fala Maria Favela – uma experiência criativa em alfabetização. São Paulo: Ática, 1993.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, F.. Manifesto do Partido Comunista, São Paulo: Global Editora, 2000.

SANTOS, Douglas. O significado de escola: apontamentos a partir das experiências vividas pelo projeto de “Reordenamento da Secretaria de Educação do Estado do Amapá” (1999-2001). São Paulo: PUC-SP e Governo do Estado do Amapá, 2008.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. Campinas: Autores Associados, 2003.

SEABRA, Odette. “A Insurreição do uso”, in MARTINS, José de Souza (org) Henri Lefebvre e o retorno a dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERPA, Ângelo. Espaço público e acessibilidade : notas para uma abordagem GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 15, pp. 21 - 37, 2004 disponível

em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp15/Artigo2.pdf>

<http://discutindo-a-des-organizacao.webnode.com/>

Sites-